



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

AVALIAÇÃO: CONCEPÇÕES E IMPLICAÇÕES NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Autor: Geany Inácia dos Santos

*Graduada em Pedagogia e Especialista em Teorias e Práticas Educativas
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)*

geanysantos@hotmail.com.br

Resumo: O presente trabalho é resultado de um estudo que se propôs a investigar as principais implicações decorrentes das práticas avaliativas adotadas nas escolas, especialmente as que se dão nos anos iniciais do ensino fundamental. Nesta perspectiva, pretende-se mostrar nesta pesquisa as implicações da avaliação no processo de ensino-aprendizagem, abordando-a em duas correntes distintas. De um lado, uma concepção de avaliação fundamentada no método tradicional, que tem como foco a verificação da aprendizagem para fins quantitativos. Do outro, a concepção construtivista que aborda a avaliação formativa, ou seja, como processo contínuo que ao exercer funções de diagnóstico, deve ser utilizado como instrumento de aprimoramento da prática pedagógica. A luz das concepções acima, analisamos por meio de respostas a questionários a postura de professores e alunos frente às questões avaliativas. Mediante os resultados analisados denota-se que, os discursos dos professores em relação à avaliação aproximam-se da concepção formativa, no entanto, analisando os índices de reprovação, bem como, de analfabetismo funcional, percebe-se que há ainda uma disparidade entre o discurso defendido e as práticas realizadas.

Palavras-Chave: Avaliação, Mediação, Prática pedagógica.

1-INTRODUÇÃO

As questões pertinentes às práticas avaliativas tem sido ultimamente foco de muitas discussões, e por sua complexidade tem se tornado um dos mais relevantes temas da Pedagogia. Muitos debates têm sido travados a cerca de critérios, funções e instrumentos utilizados no processo avaliativo, especialmente os que se dão no contexto educacional. Isto se deve ao fato da estreita relação entre a mesma e temas conflituosos tais como: evasão, promoção, reprovação, entre outros temas envolvidos no processo educativo e que repercutem nacionalmente por suscitar discussões em torno da qualidade da educação e influenciarem positivamente ou negativamente nos dados formulados em rankings.

Considerando a relevância que a avaliação ocupa nas políticas públicas, o presente trabalho é resultado de uma pesquisa que se propôs a investigar as práticas avaliativas



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

adotadas no atual contexto escolar, particularmente nas escolas da rede pública, onde o índice de reprovação e evasão é elevado constituindo-se dois dos principais problemas educacionais. Com base nisto, a pesquisa foi realizada com a pretensão de responder ao seguinte questionamento: Qual a concepção dos professores e alunos em relação às práticas avaliativas adotadas na escola e que implicações tais práticas tem acarretado ao processo de ensino-aprendizagem? O questionamento acima impeliu a presente pesquisa na perspectiva de atingir ao seguinte objetivo: Diagnosticar as práticas avaliativas prevaletentes no contexto escolar e suas respectivas implicações no processo de ensino-aprendizagem. Aliado a isto, traçamos ainda como objetivos específicos:

- Diagnosticar os critérios e instrumentos utilizados pelos professores no processo avaliativo;
- Conhecer a postura dos educandos em relação à concepção de avaliação adotada pela escola;
- Observar junto aos professores possíveis interferências das normas institucionais em sua prática avaliativa.

Norteadas pelos objetivos propostos, o presente trabalho aborda discussões em torno do tema – Avaliação: Concepções e Implicações no Processo de Ensino-Aprendizagem. As abordagens discorridas foca a avaliação como processo indissociável da prática pedagógica e não como uma prática pontual vista apenas com o objetivo de reprovar ou promover alunos. Nesta perspectiva, defendemos uma prática avaliativa integrada ao planejamento, pois só assim ela estará a serviço do aperfeiçoamento do processo educativo. Abordamos a avaliação não apenas em sua função classificatória, mas, nas suas funções: diagnóstica, formativa e somativa.

PERCURSO METODOLÓGICO

Os procedimentos metodológicos que delinearão nossa investigação deram-se coerentemente com a natureza da nossa pesquisa que se caracteriza como fenômeno social. Nesta

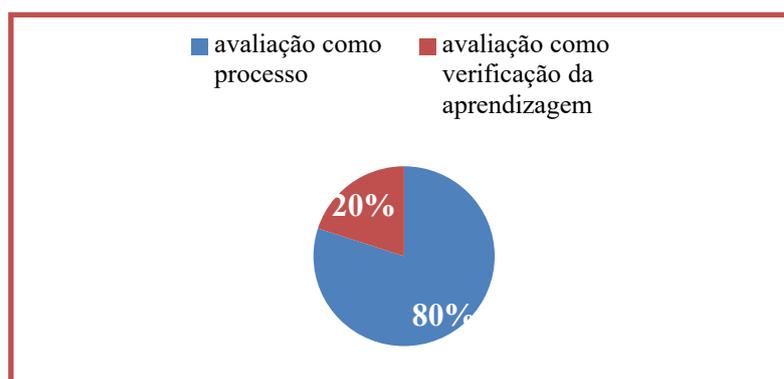
perspectiva, embora, sirva-se de dados quantitativos, a pesquisa é qualitativa e foi realizada utilizando a modalidade- estudo de caso.

Estudo de caso é o tipo de pesquisa que privilegia um caso particular, uma unidade significativa, considerada suficiente para análise de um fenômeno. É importante destacar que, no geral, o estudo de caso, ao realizar um exame minucioso de uma experiência, objetiva colaborar na tomada de decisões sobre o problema estudado, indicando as possibilidades para sua modificação. (GONSALVES, 2001, p.67).

Os sujeitos participantes desta pesquisa foram professores e alunos da rede pública de ensino que estão em exercício nos anos iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental. Constituíram a população de amostragem 05 professores que se dispuseram a responder aos questionários e 25 alunos especificamente do 5º ano que responderam aos questionários, sendo este, o instrumento de coleta de dados nesta pesquisa. De acordo com Rizzini (1999, p.77) “o questionário consiste de uma série de perguntas, cuja forma, aberta ou fechada, configura tipos de coleta de dados qualitativos e quantitativos respectivamente”.

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

Na concepção de quatro, dos cinco professores classificado por A, B, C, D e E, o ato de avaliar ultrapassa um momento de provas, trabalhos ou mesmo um momento de atribuir notas, conforme mostra o gráfico a seguir:





De acordo com os dados, as visões dos professores condizem com a concepção de Luckesi (1997, p. 150) quando ressalta que a avaliação: “só faz sentido na medida em que serve para o diagnóstico da execução e dos resultados que estão sendo buscados e obtidos. A avaliação é um instrumento auxiliar da melhoria dos resultados”.

A Prática Avaliativa Frente às Normas Institucionais

Duas professoras afirmaram o seguinte: a preocupação da escola com o preenchimento de boletins ao final de cada bimestre interfere muitas vezes negativamente nos procedimentos avaliativos, visto que, nos sentimos pressionados a cumprir prazos e emitir notas que muitas vezes não nos certificamos se os alunos realmente aprenderam os conteúdos previstos para o bimestre.

Ainda em relação à questão dois, outra professora ressaltou que: “o sistema educacional contribui para que os alunos sejam aprovados mesmo quando não atingem as metas previamente estabelecidas”. Acreditamos que a professora fez referência a avaliação somativa realizada mais precisamente no final do ano com base nos cálculos obtidos nas provas finais cuja média para aprovação é cinco. Aqui é pertinente grifar que a avaliação somativa não deve ser preponderante a avaliação contínua, ou formativa. Desse modo, o professor ao responsabilizar o sistema deve buscar compreender a Lei de Diretrizes e Bases da Educação quando esta prevê que o aluno deverá ser avaliado de forma contínua e cumulativa, prevalecendo o aspecto qualitativo sobre o quantitativo da aprendizagem, (LDB 9.394/96).

Instrumentos e Critérios de Avaliação utilizados pelos professores.

Entre os critérios citados destacaram-se: a clareza e organização de ideias, demonstração de conhecimento do conteúdo, posicionamento seguido de argumentação, correção de linguagens, cooperação e responsabilidade. Em análise aos depoimentos dos professores os instrumentos utilizados com maior frequência são os seguintes: trabalhos em grupos realizados de natureza diversa (escrita, oral).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A prova, para nossa surpresa, só foi mencionada por dois professores; a professora “A” e a professora “B”. Na visão desses professores a prova é um instrumento tão importante como os demais desde que esta não seja trabalhada como único instrumento, nem sirva apenas como um meio de punir os alunos. Concordamos com o pensamento das professoras, se a prova elaborada é coerente com objetivos definidos e está sendo utilizada com o fim de melhorar a prática pedagógica por que não utilizá-la? Para Hoffmann (1994, p. 34) a prova é eficiente se tiver caráter operatório, ou seja, “se longe de serem mecânicos questionários, testes ou exercícios, for um momento a mais para o aluno viver internamente a construção ou reconstrução de conceitos ao longo do caminho da aprendizagem”.

A Concepção dos professores frente aos erros dos alunos

Na essência das respostas percebe-se uma visão comum entre todos os respondentes em relação à questão do erro. Convergingo com a perspectiva Piagetiana, todos os professores dizem encarar os erros como ponto de partida através do qual, o professor pode reorientar sua prática. Nesse sentido, os erros não são vistos pelos professores como indício de fracasso, mas como pistas que demonstram como os alunos relacionam os conhecimentos que já têm com os novos que estão adquirindo. Em consonância a colocação dos professores afirma Luckesi :

Se nossa conduta fosse a de castigar não teríamos a oportunidade de reorientar e o aluno não teria a chance de crescer. Ao contrário, teria um prejuízo no seu crescimento e nós perderíamos a oportunidade de sermos educadores. (LUCKESI, 1999, P. 57)

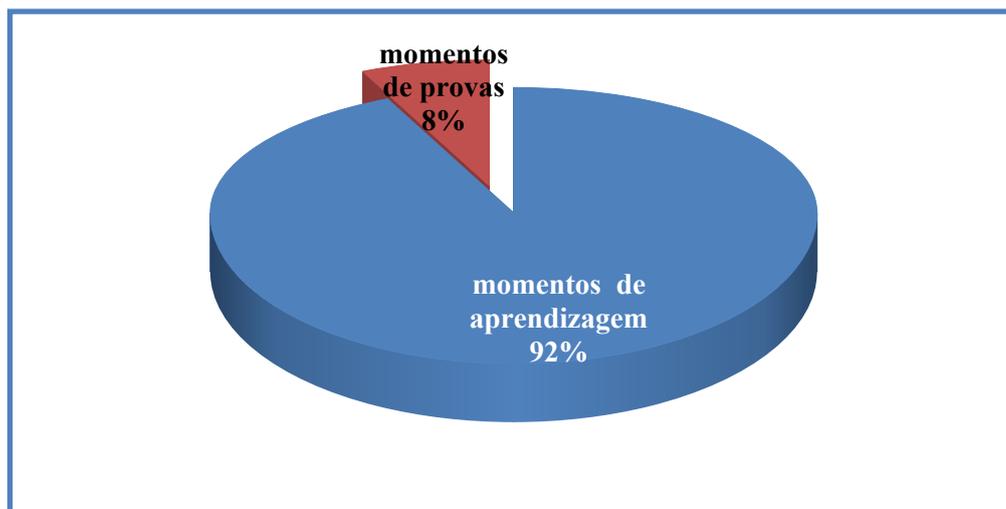
Competências a serem desenvolvidas no processo avaliativo

Três das cinco professoras ressaltaram que nos anos iniciais a aquisição da leitura e da escrita como função social consiste numa das mais importantes competências a serem desenvolvidas. Segundo elas o domínio dessas habilidades deve ocupar o primeiro lugar no plano do professor, visto que ambas são sem dúvidas, as conquistas que contribuem significativamente para inclusão do indivíduo na sociedade. Os professores enfatizaram também o



desenvolvimento da oralidade e da escrita bem como o desenvolvimento do cálculo como uma necessidade básica do mundo moderno.

POSTURA DOS DISCENTES A CERCA DA AVALIAÇÃO



Os dados demonstrados nos permite compreender que, embora de forma lenta, o conceito de avaliação vem sendo aos poucos redefinido, ou seja, os próprios alunos já percebem que a ação avaliativa não se dá de forma dissociada do processo educativo. Desse modo, a percepção dos alunos a cerca da temática avaliação, condiz com Hoffmann (2005, p. 15). “O processo avaliativo se desenvolve concomitante ao desenvolvimento das aprendizagens dos alunos”.

Com o fim de aprofundarmos nosso estudo, indagamos ainda aos alunos: Como você se sente ao tirar notas baixas? Como já esperávamos, vinte alunos afirmaram que se sentiam decepcionados. Este posicionamento mostra o peso que as notas ainda ocupam no processo avaliativo, ou seja, os alunos temem as notas baixas porque as concebem como sinalizadoras do seu fracasso e, possivelmente de uma reprovação. A questão que segue está relacionada à questão anterior, pois consiste em saber que atitudes o professor toma diante dos erros deles. Em unanimidade os alunos optaram pela letra C: busca melhorar a aprendizagem. Com base nessas respostas, podemos dizer que apesar de os alunos sentirem-se decepcionados diante das



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

notas baixas, há uma postura coerente em relação às mesmas, ou seja, há uma busca de favorecer melhores oportunidades de aprendizagem, de um planejamento do fazer pedagógico, partindo dos erros detectados. Com esta concepção de erro “cada resposta dada pode ser aprofundada, deixada, ampliada, o que não a caracteriza como errada” (ESTEBAN, 2006, p.141).

Ainda ressaltando a importância da aprendizagem indagamos aos alunos: Você se sente participante ativo do processo de aprendizagem? Satisfatoriamente, vinte e um alunos disseram que sim: o processo de aprendizagem, deve se dar na verdade pelo princípio do diálogo, onde educador e educando interagem mutuamente e buscam de forma conjunta a construção do conhecimento.

Nessa perspectiva, o aluno não é visto como sujeito passivo da aprendizagem e destituído de conhecimento. O aluno é tido não como objeto, mas, como sujeito da aprendizagem que traz consigo, conhecimentos prévios que precisam ser sistematizados na sala de aula pela mediação do professor. A socialização dos conhecimentos prévios trazido pelos alunos e seu envolvimento nas aulas, depende em grande parte do professor. Para Hoffmann:

O objetivo do professor [...] é o de assegurar o máximo envolvimento possível do aprendiz, tornando-o co-responsável participe do seu progresso por meio da interlocução apontando-lhes avanços, devolvendo e comentando tarefas, conversando com ele e mediando conflitos. HOFFMANN (2005, P. 56):

A afirmação acima nos remete a seguinte questão: Como o professor incentiva sua participação nas aulas? Em consonância com a afirmação acima, dezoito alunos assinalaram a letra A: com perguntas. Os demais alunos assinalaram letra B: com apresentação de trabalhos. Partindo do pressuposto que a interlocução é a maior expressão de participação, ambas as alternativas são coerentes, visto que, proporcionam o desenvolvimento da oralidade e a interação entre aluno e professor e alunos entre si.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Ainda em relação às aulas, indagamos: o que é mais enfatizado durante as aulas? Entre aprendizagem, notas e frequência, vinte e quatro alunos responderam: a aprendizagem. Estes posicionamentos nos permitem compreender que a concepção de educação vem sendo redefinida. Isso significa que a concepção de avaliação também vem sendo redimensionada. É óbvio que as práticas avaliativas vigentes, ainda não comportam todos os elementos de uma avaliação coerente com uma prática construtivista, mas, tem-se visto ao menos o reconhecimento dos professores de que a aprendizagem deve ter prioridade no processo educativo.

Na perspectiva de investigar como a aprendizagem dos alunos vem sendo avaliada, perguntamos ainda: Para você, a avaliação praticada em sua escola está mais voltada para uma avaliação qualitativa ou quantitativa? Dos vinte e cinco alunos, dezessete consideraram-na qualitativa. Na verdade, quando se trata de avaliar o desempenho escolar, não se podem quantificar todos os seus aspectos por meio de atribuição de notas ou cálculo de média. O desempenho do aluno não pode ser medido; ele deve ser analisado numa dimensão qualitativa. Todas as manifestações e tarefas dos alunos devem ser consideradas na sua criatividade, profundidade de argumentação, originalidade de ideias, estratégias utilizadas, entre outros aspectos complexos que não podem ser relatadas através de números.

Nessa perspectiva, a avaliação deve ser: “Realizada durante o processo de ensino e aprendizagem e objetiva favorecer um acompanhamento efetivo de seu desempenho permitindo alterações ao longo do curso” (SANTOS, 2005, p. 23). Nessas circunstâncias, podemos afirmar que a quantidade é apenas uma das dimensões da qualidade, que por sua vez, constitui-se num atributo mais amplo e procura ver para além da simples percepção.

Concluimos o questionário, indagando aos alunos se estes já foram incentivados a se auto avaliarem. Vinte e um alunos assinalaram que não, ou seja, esses alunos consideram-se excluídos do seu próprio processo de avaliação. Segundo Hoffmann (2005, p. 36), auto avaliar-se “significa responsabilizar-se pela própria aprendizagem buscando superar-se a cada dia, construindo novos conhecimentos”. Nesse entendimento, a auto avaliação tem o sentido de



instigar o aluno a tomar consciência sobre o seu processo de aprendizagem. Isso requer uso de instrumentos sistemáticos e adequados tais como: portfólios, relatórios ou dossiês. Nesses registros o aluno pode expressar seu pensamento, sobretudo em relação a si próprio, aos seus sentimentos e sobre suas experiências em relação à escola.

Diante das análises acima, podemos ratificar que os depoimentos dos alunos, tais como dos professores contribuíram de forma significativa para aprofundar os nossos conhecimentos acerca da tão complexa temática - avaliação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como abordamos ao longo do trabalho, a avaliação deve constituir-se em objeto de constante reflexão para aqueles que a fazem, uma vez que, sua prática, dependendo da concepção em que se sustentam, pode contribuir negativamente ou positivamente no processo de ensino aprendizagem.

Partindo desse pressuposto, podemos afirmar que o sucesso ou fracasso escolar são evidentemente reflexos da posição teórico-metodológica adotada pela escola e, especialmente pelo professor ao conduzir a avaliação, isto é, se a escola vive o drama da repetência, da evasão, da deficiência na aprendizagem, não é precipitação afirmar que esta escola é regida por princípios e parâmetros tradicionais de educação, que cultiva a avaliação como instrumento de classificação, seleção ou exclusão.

Por outro lado, se a escola alcançou um nível de aprendizagem favorável e abraça o desafio de formar cidadãos críticos e autônomos, podemos inseri-la no parâmetro construtivista de educação na qual, a avaliação exerce uma função formativa e prima pelo desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem.

Considerando o exposto, podemos dizer que a avaliação é um fenômeno multidimensional, e a postura que a escola assume diante desta, constitui-se em um fator determinante dos resultados expressos pelos alunos. Desse modo, a avaliação do desempenho do aluno pressupõe uma avaliação do ensino. Ou seja, exigem uma análise de concepção de educação e



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

avaliação adotada pela escola, os procedimentos avaliativos que nela predominam os critérios, os instrumentos, entre outros elementos que permeiam o espaço e traçam o perfil do fazer pedagógico.

A avaliação da aprendizagem articulada à avaliação do ensino permite aos sujeitos envolvidos neste processo, a revisão de seus conceitos e práticas. A escola, por exemplo, ao constatar a decadência da aprendizagem e os altos índices de reprovação, deve rever sua proposta pedagógica, especialmente no que diz respeito à avaliação a fim de operacionalizar reformulações que a orientem a serviço da aprendizagem.

É importante ressaltar que não basta traçar no plano teórico a avaliação que julgemos construtivista. Para romper com a cultura da classificação, da seleção e da exclusão devemos desconstruir as convencionais concepções de avaliação e reconstruí-la dentro de um plano teórico-prático. Assim, teoria e prática devem ser concebidas na ação avaliativa como elementos indissociáveis e complementares entre si. Sabe-se que avaliar numa perspectiva formativa e mediadora não é tarefa fácil, e diante da complexidade, muitos educadores detêm-se apenas a verificar a aprendizagem dos alunos, comumente por meio de provas escritas. Com isso, a avaliação perde seu verdadeiro sentido e dá lugar para a classificação, seleção, e exclusão dos alunos, contribuindo assim, para sua reprovação e evasão escolar.

É pertinente ressaltar que a avaliação tem a sua modalidade somativa, na qual se analisa os resultados obtidos até determinado percurso. Entretanto, esta função não deve preceder a função de diagnóstico e mediação que transcendem todo o processo de aprendizagem. Assim, a avaliação somativa só será legítima se for utilizada para demonstrar ao professor como e o quanto os alunos estão aprendendo e estão se aproximando dos objetivos propostos.

A avaliação formativa, cujos princípios temos defendido neste estudo, encaminha-se a uma perspectiva processual e objetiva prioritariamente o processo de ensino e aprendizagem. Nesta ótica, o foco da avaliação não é o produto e sim o processo. Não é apenas a aprendizagem, mas também o ensino, não avalia apenas o aluno, mas também o professor, não avalia só o coletivo, mas cada aluno na sua singularidade. Entendida assim, ela cumpre o seu papel



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

primordial que é fornecer por meio de um constante diagnóstico a mediação de aprendizagens significativas. Na perspectiva formativa, a prática de avaliar não é exercida, portanto, para punir o educando por meio de notas, mas como instrumento de interação onde professor e aluno ensinam e aprendem reciprocamente. A avaliação não é aqui um recurso de pressão do professor sob o aluno, mas um subsídio que pode auxiliar na reconstrução de conceitos e reformulações de estratégias destinadas a melhoria da prática pedagógica.

Expostos as funções da avaliação nas suas modalidades: formativa e somativa, cumpre ressaltar que os resultados da presente pesquisa apontam para uma significativa evolução no que diz respeito à percepção dos professores e alunos acerca da avaliação como processo. Entretanto, é perceptível o peso que as notas representam quando se coloca em discussão a promoção ou retenção do aluno. Diante de tais constatações, a continuidade de estudos acerca das questões relacionadas a avaliação, irá certamente propor novos desdobramentos, e excitará outras perspectivas que contribuirão para ampliação de referenciais teóricos que envolvem a temática em estudo.



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases** . Brasília 1996;

ESTEBAN, Maria Tereza. **O que sabe quem erra?** Reflexões sobre avaliação e fracasso escolar 2006;

GONÇALVES, Elisa Pereira. **Iniciação à Pesquisa Científica**. 2 ed. Campinas, SP: Alínea, 2001;

HOFFMANN, Jussara. Mito e Desafio: **Uma perspectiva Construtivista**. 32ª Ed. Porto Alegre, Mediação 2003;

HOFFMANN, Jussara. **O jogo do Contrário em avaliação**, Porto Alegre: mediação, 2005;

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da Aprendizagem Escolar: estudo e proposições**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez 1997;

RICHADSON, R.J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3ª Ed. São Paulo: Atlas, 2007;

RIZZINI, I.; CASTRO, M.R.; SARTOR, C.D. **Pesquisando**. Guia de Metodologia de Pesquisa para Programas Sociais. Rio de Janeiro: USU. Ed. Universitária, 1999;



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO